

Literatura, sensibilidades modernas e cientificismo em *Drácula* (1897), de Bram Stoker*

Evander Ruthieri S. da Silva**

Cristina Ferreira***

Resumo. A escrita literária, na segunda metade do século XIX, cerca ansiosamente as experiências históricas e os embates culturais, de modo a incrementar a ficção com instâncias de razões e sentimentos, ideias e valores, muitos dos quais voltados à inserção de enunciados científicos no exercício de decifração da realidade social promovido por literatos e romancistas. Este estudo detém-se sobre o romance *Drácula* (1897), do literato anglo-irlandês Bram Stoker, com o intento de analisar as apropriações, por parte do literato e de seus personagens, das práticas médico-científicas como aspecto constituinte das sensibilidades modernas e das proezas masculinas na ficção oitocentista.

Palavras-chave: História e literatura; Bram Stoker; *Drácula*.

Literature, modern sensitiveness and scientificism in *Dracula* (1897) by Bram Stoker

Abstract. The literature of the second half of the 19th century is imbued by historical experiences and cultural conflicts. It filled fiction with instances of reason and feeling, ideas and values, several of which involving scientific enunciations in the decoding of social reality enhanced by literate people and by novelists. Current analysis appreciates the novel *Dracula* (1897) by the Irish-English writer Bram Stoker to investigate the appropriations by the writer and his characters of medical and scientific practices as a constituting aspect of modern sensitiveness and male feats in 19th century fiction.

Keywords: History and Literature; Bram Stoker; *Dracula*.

* Artigo recebido em 17/09/2014. Aprovado em 06/01/2015.

** Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, Curitiba/PR, Brasil. E-mail: evander.ruthieri@gmail.com

*** Doutoranda em História Social pela Unicamp, Campinas, Brasil e professora da FURB, Blumenau/SC, Brasil. E-mail: cris@furb.br

Literatura, sensibilidades modernas y científicismo en *Drácula* (1897), de Bram Stoker

Resumen. La escrita literaria de la segunda mitad del siglo XIX cerca ansiosamente las experiencias históricas y los embates culturales, incrementando la ficción con instancias de razones y sentimientos, ideas y valores, e incluyendo enunciados científicos para descifrar la realidad social, promovido por literatos y novelistas. Este estudio se detiene en la novela *Drácula* (1897), del literato anglo-irlandés Bram Stoker, con la intención de analizar las apropiaciones que el autor y sus personajes hacen de las prácticas médico-científicas como aspecto constituyente de las sensibilidades modernas y de las proezas masculinas en la ficción decimonónica.

Palabras Clave: Historia y Literatura; Bram Stoker; *Drácula*.

Introdução

Ao longo da segunda metade do século XIX, uma infinidade de embates sociais e entraves culturais forneceram substrato para o escrutínio da tessitura social promovido por literatos e romancistas, amplamente atentos às ansiedades, certezas e temores que cercavam a sua vivência histórica, incrementando a sua escrita com impressões de razões e sentimentos. A miríade de detalhes do romance oitocentista foi apenas uma das características que o transformou em fonte privilegiada para a análise histórica e encontrava-se em uma estratégica intersecção entre o indivíduo e a cultura, de modo a evidenciar ideias, conflitos e práticas (GAY, 2010, p.16). Em incessantes movimentos que visavam perscrutar as nuances da vida cotidiana, as artes e a literatura reconfiguraram a experiência vivida e permitiram vislumbrar, em retratos de papel e letras, um conjunto de questões caras e sensíveis à sua época, devidamente apropriadas pela linguagem ficcional, cuja força atuava no mundo social, produzindo figurações, representações e imaginários.

Os romances e novelas oitocentistas atraíram a atenção dos estudos recentes, pois enredavam uma circunstância histórica marcada pela forte

preocupação, por parte de diversos setores da sociedade, com o aprimoramento moral de homens e mulheres por intermédio da leitura e da literatura. A produção literária encontrava-se imersa em um amplo campo de interlocução, com destaque para a ciência e a medicina, que reverberavam na ficção e supriam os literatos com ideias, valores e modos de ver o mundo. Como via de acesso aos fragmentos indiciários das formas de sentir, pensar e agir, entrelaçadas às vivências desses literatos e de suas experiências culturais, a narrativa ficcional forneceu pistas “verossímeis”, que se transformaram na expressão parcial das ações, pensamentos, temores e desejos das pessoas.

Em consonância com essas reflexões, a análise que ora se apresenta está circunscrita no romance *Drácula* (1897), escrito pelo anglo-irlandês Bram Stoker, ao final da Era Vitoriana na Inglaterra (1837-1901). Além de interrogar a obra literária e esmiuçar as inquietudes inscritas em sua narrativa, o objetivo é analisar os usos, por parte do literato e de seus personagens, das práticas médico-científicas como aspecto constituinte das sensibilidades modernas e das proezas masculinas. Essa linha interpretativa remete às formas literárias de representação, com o afã de interrogar os enunciados, os temas e os estratégias que convergem sobre a narrativa ficcional, em sua capacidade de estabelecer uma sintonia refinada com a esfera social e cultural em que estava inscrita.

1 Um irlandês na “poderosa Londres”: sensibilidades modernas e síntese da trajetória intelectual de Bram Stoker

Os romancistas do século XIX, a exemplo de Bram Stoker, exploraram uma imensidade de temáticas e demonstraram uma acentuada preocupação com as questões sociais e as experiências culturais de seu tempo. Estes literatos “estudaram as manobras dos arrivistas sociais e as aventuras de viajantes nos trópicos, as seduições do poder e o consolo da religião”, de modo a transformar “seu tempo na era do romance da sociedade” (GAY, 2000, p. 120). Essa

vivência histórica reverberou fortemente nos escritos literários, permeados por formas subjetivas de apreensão e configuração da realidade, capazes de inscrever a narrativa ficcional com fragmentos das *sensibilidades*. O conceito de sensibilidade imbuu-se de relevância em uma historiografia que parte de fontes literárias, pois estava articulado a um “núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 56), isto é, das formas de sentir e pensar, devidamente configuradas nas narrativas ficcionais e indiciária do entrecruzamento do território do indivíduo, em suas estratégias e agenciamentos, e da tessitura social em que estava imerso e por onde circulava.

Esse interesse “pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas” (GRUZINSKI, 2007, p. 7) conecta-se com pressupostos teórico-metodológicos que permitiram uma “atenção flutuante” (DOSSE, 2009, p. 374) à trajetória intelectual e aos percursos desses sujeitos históricos, por meio de uma busca plural, cujo ponto de partida estava relacionado aos elementos biográficos. Ademais, o desafio de executar uma leitura histórica da obra literária como registro de sensibilidades modernas encontra-se entrelaçado ao escopo de aprimorar os debates em torno da relação entre autores e obras, narradores e personagens, escrita e leitura. Tal foco de análise permite contribuir “para a amplitude da construção histórica, privilegiando os sentimentos dos sujeitos que procuraram refletir sobre o momento vivido, a partir das possibilidades de vivências pessoais e de seus contemporâneos” (SILVEIRA, 2006, p. 119). A partir dessa atenção aos percursos intelectuais e à produção literária, cabe inicialmente elaborar alguns apontamentos acerca de seu autor, o anglo-irlandês Bram Stoker, com o intuito de investigar a constituição de sensibilidades modernas no romance *Drácula*.

A trajetória intelectual do romancista Bram Stoker (1847-1912) iniciou-se entre as décadas de 1860 e 1870, com a publicação de romances folhetinescos em periódicos dublinenses e londrinos, a exemplo de *The Crystal*

Cup (1872) na revista *London Society* e *The Primrose Path* (1875), no impresso *The Shamrock*. Suas primeiras incursões ao mundo das letras ocorreram durante a graduação em matemática, no Trinity College de Dublin, instituição responsável pelo envolvimento de Stoker com associações esportivas e intelectuais. Em 1867, tornou-se presidente da *University's Philosophical Society* e, em 1872, foi eleito para o cargo de auditor no *College Historical Society*. Após concluir sua formação intelectual, Stoker exerceu a função de escrevente em setores públicos da administração de Dublin, o que ocorreu em paralelo à escrita e publicação dos seus primeiros textos. Suas atividades na crítica teatral em periódicos locais atraíram as atenções do ator inglês Henry Irving, que convidou Stoker a exercer o cargo de assistente na companhia teatral *Lyceum*, localizada em Westminster, Londres.

Em 1878, Stoker e sua esposa, Florence Balcombe, mudaram-se para Londres, cidade onde o literato desempenhou atividades relacionadas ao teatro, à imprensa periódica e à literatura. A companhia teatral forneceu-lhe inserção aos círculos intelectuais e o contato com expressivas figuras da *intelligentsia* londrina. Dentre seus amigos e conhecidos, figuravam os literatos Arthur Conan Doyle e Thomas Henry Hall Caine, a atriz shakespeariana Ellen Terry e a artista Pamela Colman Smith, além de Henry Irving, personagem central na trajetória de Stoker. A publicação da coletânea de contos infantis, intitulada *Under the sunset* [Sobre o pôr do sol] (1881), demarcou o interesse do romancista por elementos da literatura gótica, predominantes em parte significativa de sua produção literária posterior. Em linhas gerais, Bram Stoker publicou romances sentimentais e aventureiros, a exemplo de *Miss Betty* (1898) e *Lady Athlyne* (1908), e novelas de horror, notadamente *Dracula* (1897), *The Jewel of the Seven Stars* [A Jóia das Sete Estrelas] (1903) e sua última obra literária, *The Lair of the White Worm* [O Covil do Verme Branco] (1911), pouco antes de seu falecimento em abril de 1912 (BELFORD, 1995).

Dentre todas as formas literárias, o romance adquiriu notável visibilidade e atuou como instrumento de consolidação das experiências sociais ao longo do século vitoriano, de modo a enfatizar “a sociedade humana em seu movimento e de empreender o esforço de dar sentido e unidade a um mundo que começava a se desenhar como caótico e fragmentado, que apartava o privado e público” (VASCONCELOS, 2007, p.58). A expressividade do romance oitocentista na constituição de formas de sentir e interpretar a tessitura social também estava ligado à relativa democratização do acesso à leitura e à consolidação de uma indústria cultural. Isso ocorreu após a substituição do romance no formato de três volumes por um único tomo, com preço mais acessível, e a existência de um mercado editorial baseado em bibliotecas circulantes (JAMESON, 1992, p.23; 213-216). Ao público leitor do final do século, ofertavam-se romances aventurecos, novelas de crime e sensação, além de obras literárias pertencentes ao denominado “gótico imperial”, com narrativas que combinavam um entusiasmo pelos avanços científicos, permeadas por elementos sobrenaturais ou associadas ao oculto e uma frequente reafirmação das proezas dos personagens vitorianos, atormentados pela sombra persistente dos prenúncios de degeneração racial e declínio imperial (BRANTLINGER, 2001).

Os romances de Bram Stoker elencavam personagens monstruosos, oriundos das regiões limítrofes do Império britânico e expressavam o “medo da colonização reversa” (ARATA, 1999), uma hesitação dos vitorianos diante do inimigo estrangeiro e suas reações e resistências coloniais. Estes elementos posicionam a produção literária de Stoker como parte de uma circunstância histórica marcada pelo engajamento de setores da intelectualidade aos projetos imperialistas, devidamente retratados por alguns autores para leitores ávidos por cenários estrangeiros vistos como exóticos, habitados por civilizações perdidas ou inimigos tingidos pela barbárie. Por esse motivo, os romances de

Stoker encontravam-se em uma rede de interlocução demarcada pela aventura imperial, com o fito de legitimar a conquista, expressa também em outras obras literárias, tais como: *She: a history of adventure* [Ela: uma história de aventura] (1887), de H. Rider Haggard, e *The Lost World* [O mundo perdido] (1912), de Arthur Conan Doyle.

Entre 1870 e 1914, a Inglaterra estava em plena corrida imperialista e alçou a conquista política, econômica, territorial e cultural de regiões como a África, a Ásia e a Oceania. A política das nações imperialistas, resultante do rápido processo de industrialização e do crescimento demográfico, visava manter sob controle o comércio das matérias-primas, alimentos e bens manufaturados nestas regiões, de modo a constituir colônias por meio de uma gama de estratégias políticas ou militares. Entretanto, diante da emergência política, ao final do século, de países como os Estados Unidos e a Alemanha, os empreendimentos coloniais ingleses encontravam-se em nítido processo de recrudescimento.

Romances como *The Jewel of Seven Stars*, ao elencarem o antagonismo em torno da sombra imortal de uma rainha egípcia, ou até mesmo *Drácula*, com seus vampiros e ciganos oriundos do leste europeu, demonstravam as reações de Stoker acerca dos significados inerentes às transformações históricas da sociedade em que estava inserido. Esses romances revelaram para a pesquisa histórica um conjunto de questões sensíveis e formas de conhecimento, reflexões que, na produção literária de Stoker, evidenciam a inquietação com o suposto enfraquecimento da soberania inglesa e a ansiedade decorrente da ameaça representada pelo estrangeiro e pela mulher.

As personagens femininas na literatura de Stoker foram moldadas como vestais anjos domésticos ou perigosas mulheres fatais, circunstância que reverbera a preocupação de diversos setores da sociedade oitocentista com os supostos ‘vícios’ femininos: “os apetites carnaís, o pecado inato, a tendência

para a ociosidade, a inclinação para a libertinagem, as más companhias, a miséria” (ROBBINS, 1993, p. 118). Em contrapartida, as obras literárias de Stoker demonstravam um interesse ávido e um misto de reações pelas práticas científicas, campo utilizado pelos seus personagens masculinos como parte de suas estratégias no combate aos inimigos do Império e como recurso narrativo capaz de glorificar as proezas desses “homens bons e bravos” (STOKER, 1897, p. 289). Essas representações que permeavam a arte, a literatura e ciência oitocentista eram componentes de um ambivalente campo de fascínio e temor pelo feminino, revigorado ao final do século XIX. Além disso, no panorama cultural do período persistia a fórmula do *feminino maiúsculo*, *masculino plural*: a ideia da prevalência de determinações naturais e de elementos primitivos entre as mulheres, o que as tornaria muito mais semelhantes entre si do que os homens.

Em *The Lady of the Shroud* [A Dama da Mortalha] (1909), a personagem do vampiro, previamente antagonista em *Drácula*, foi retomada por Stoker em um romance político constituído por um texto marcado pelo tom militar. Os conflitos, em seu clímax, referenciavam a utilização de aviões para usos bélicos, prenúncio literário e horizonte de expectativa de tempos de guerra e animosidades políticas internacionais, concretizadas na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O gosto pelos enfrentamentos, a ânsia pelo confronto e o alívio na agressão, elementos expressos nos combates literários empreendidos pelos personagens de Stoker, reiteravam as cicatrizes vitorianas denominadas pelo historiador Peter Gay como um tempo em que prevalecia o “cultivo do ódio”. Seu desdobramento carregava um amplo leque de práticas e discursos em torno dos “ácidos debates sobre a natureza moral e as propriedades adaptadoras da agressão” (GAY, 1995, p. 13). O “ardor da batalha” (STOKER, 1897, p. 351) também envolvia os personagens vitorianos em *Drácula*, configurando um cenário de conflito, no qual o inimigo era representado pela

figura feminina, pela ameaça estrangeira ou pela iminência do passado, manifesto no aristocrata vampiro, o Conde Drácula.

O antagonista de *Drácula*, oriundo dos “tempos de guerra” (STOKER, 1897, p. 28), em cujas veias corria “o sangue de muitas raças bravas, que lutaram com fúria leonina pelo poder” (STOKER, 1897, p. 27), era representativo de uma ameaça advinda de tempos medievais, um aristocrata que habitava um castelo decrépito no leste europeu e cercava-se de um séquito de ciganos. Por extensão, sua função simbólica encontrava-se entrelaçada à inscrição de aspectos das sensibilidades modernas no romance de Bram Stoker, de modo que *modernidade* tornava-se “sinônimo de repúdio ao passado e um compromisso à mudança e aos valores futuros” (FELSKI, 1995, p. 13). A polissemia que cercava os debates em torno das circunstâncias históricas da modernidade referenciava um conjunto de fenômenos sócio-históricos como demarcadores dessas formas de sensibilidade, a exemplo do “capitalismo, burocracia, desenvolvimento tecnológico, entre outros, mas acima de tudo (embora frequentemente de modo contraditório), experiências de temporalidade e consciência histórica” (FELSKI, 1995, p. 9).

Esta sensibilidade em torno dos aparatos tecnológicos entrelaçados a um ideal de modernidade, sobretudo em centros urbanos, encontrava-se expressa em *Drácula* nas menções à câmera fotográfica feita pelo personagem Jonathan Harker, o fonógrafo do médico John Seward, ou mesmo às ferrovias, que impressionavam o conde Drácula. As constantes referências à utilização de automóveis em *Lady Athlyne* e às aeronaves militares em *The Lady of the Shroud* corroboravam com esta consciência, por parte de Stoker, frente aos elementos que configuravam a experiência histórica e as sensibilidades modernas de seu tempo, em geral, decorrentes do entusiasmo dos vitorianos em relação às descobertas e inovações científicas. Por extensão, esses romances também enredavam problemas sociais decorrentes da vida moderna nos centros

urbanos, a exemplo do desemprego e do alcoolismo, abordados por Bram Stoker em seu folhetim *The Primrose Path*, elementos fortemente associados pela medicina e pela ciência oitocentista às camadas menos abastadas.

A trajetória intelectual de Bram Stoker, entre as ribaltas do Lyceum Theatre e o esforço em constituir seu lugar entre os homens de letras no final do século XIX, evidenciava a configuração de sensibilidades entrelaçadas à sinfonia dos movimentos que cercaram sua vivência histórica. O mundo de “ismos” – imperialismo, nacionalismos, cientificismos – reverberava em sua produção literária e condicionava este “jogo de vaivém entre vida e escrita” (DOSSE, 2009, p. 374), no entanto, a atenção especial recaía em *Drácula*, romance que possibilitou a notoriedade póstuma de Bram Stoker e demonstrou nuances das experiências de modernidade.

Apesar da permanência de *Drácula* no mercado editorial, com inúmeras adaptações e apropriações da obra ao longo do último século, torna-se necessário, a partir da proposta de historicizá-la, reencontrar o texto literário no movimento da sociedade que a produziu, a partir de interrogações acerca das “relações que as obras mantêm com o mundo social” (CHARTIER, 2002, p. 258). Afinal, embora o romancista tenha produzido uma narrativa literária, indubitavelmente eram “espaços e personagens imaginários que se constroem sobre experiências vividas na trama das relações sociais” (PESAVENTO, 1999, p. 14) e permitem interrogar as sensibilidades do passado por entre os véus da ficção.

Essa abordagem metodológica propõe inquirir as relações do texto literário, enquanto artefato cultural e objeto de significação impregnado e capaz de mobilizar ideias e valores, com seu entorno histórico e com suas condições de possibilidade. Não obstante, a análise verte-se também à espessura da obra literária, pois “é a partir do texto que se deve dedicar a reconstruir os contextos múltiplos nos quais ele adquire ação e sentido” (REVEL, 2009, p.136).

Portanto, a intenção não é negar a dimensão estética da literatura, mas priorizar possibilidades comparativas entre os itens de verossimilhança da narrativa ficcional com a realidade histórica contemporânea à vida do autor. Para tanto, os pressupostos metodológicos convergiram sob a obra literária de Bram Stoker, com o escopo de analisar as dimensões sociais e culturais constituintes de suas redes de interlocução, capazes de sustentar e configurar formas de sentir e pensar, expressões fragmentárias das sensibilidades modernas e das representações de práticas científicas no cerne de uma narrativa de ficção popular.

2 Entre escritos e leituras: *Drácula* e a *popular fiction* na Inglaterra vitoriana

Em linhas gerais, a trama de *Drácula* narrava a vinda do conde vampiro para Londres e os esforços empreendidos pelo núcleo de personagens vitorianos para destruí-lo. O confronto foi levado, no clímax da narrativa, ao sopé do castelo de Drácula, na Transilvânia (Romênia), local em que os homens vitorianos entraram em conflito com um séquito de ciganos, servos fiéis ao vampiro. O romance foi composto a partir de uma coletânea de cartas, diários, registros pessoais, recortes de noticiários e transcrições, supostamente produzidos pelos personagens centrais, provenientes das classes médias vitorianas. Os protagonistas eram o advogado Jonathan Harker, sua noiva Wilhelmina “Mina” Murray, a jovem Lucy Westenra, vítima das visitas noturnas do vampiro, o médico John Seward e o professor Abraham Van Hellsing. No entanto, na dinâmica do romance e no “mundo social” (CHARTIER, 2003, p. 103) do trabalho literário em questão, circulavam na trama, ainda que de modo periférico, personagens oriundos de outros grupos sociais: pescadores, trabalhadores braçais, empregados domésticos.

Drácula foi originalmente publicado em 1897, pela editora Constable de Westminster, com uma tiragem inicial de cerca de 3 mil exemplares. A dedicatória que introduziu a publicação era um indicativo das redes de sociabilidade nas quais o literato encontrava-se inserido: “*To my dear friend Hommy-Beg*” [“A meu querido amigo Hommy-Beg”] – cognome do romancista Hall Caine (1853-1931), membro dos círculos literários na Londres finissecular, amigo e mentor literário de Bram Stoker. Envolto em uma capa amarelada e com letras escarlates anunciavam autor e obra, *Drácula* foi o quinto romance de Stoker, publicado pela mesma casa editorial responsável por seus outros dois livros: *The Shoulder of Shasta* (1895) e *The Water's Mou'* (1895). No mesmo ano da publicação em Londres, as denominadas “edições coloniais” de *Drácula* já circulavam pela Índia e pela Austrália. A edição norte-americana da obra emergiu no setor editorial apenas em 1899, pela companhia nova-iorquina Doubleday and McClure e uma versão folhetinesca do romance foi publicada no periódico *The Washington Times*, a partir de setembro de 1917, com duração de 130 edições.

No tocante à trajetória editorial de *Drácula*, convém frisar que uma *cheap edition*, distribuída pela Constable, circulou pelo mercado editorial inglês em 1901, agregada a significativas intervenções textuais e diminuição de capítulos e páginas (MILLER, 2005, p.162). Essa circunstância remete à mobilidade das formas textuais e de seus suportes, até porque as significações de um texto podem ser modificadas “segundo os dispositivos que a submetem à sua forma própria” (CHARTIER, 2003, p.86). O percurso editorial da obra de Stoker contribuiu para a grande popularidade de *Drácula*, especialmente, após suas primeiras adaptações para o cinema, nas décadas de 1920 e 1930. Com a sua inserção em domínio público após os anos de 1960, o romance como obra póstuma foi constantemente adaptado e esteve em diversas linhas editoriais, o que corrobora a concepção de *Drácula* como uma obra literária de ampla circulação e aceitação do público leitor.

Somado a este aspecto, a aceção que compreende *Drácula* como uma forma de *ficção popular* encontrava-se alinhada à sua capacidade de articular, no cerne da narrativa literária, teorias sociais vigentes ao final do século XIX, a exemplo das teses eugenistas ou do degeneracionismo, além de elementos do cotidiano e experiências culturais dos estratos populares, devidamente apropriadas e ressignificadas. Afinal, entre estacas e rifles, os personagens vitorianos projetados por Stoker confrontavam-se com o vampiro, criatura da literatura fantástica e originária do folclore medieval, ao mesmo tempo em que referenciavam homens da ciência oitocentista, a exemplo de Césare Lombroso e Max Nordau. Por isso, a escrita de Bram Stoker era repleta de “recursos culturais que permitem sujeitos e indivíduos a imaginar e agir de acordo com seu próprio senso de agenciamento, mesmo que imperfeitamente” (GLOVER, 1996, p. 5).

Essa capacidade de articular experiências culturais diversas e apropriá-las por meio da narrativa literária fica evidente nas anotações de Bram Stoker, escritas durante a pesquisa para seu romance vampiresco. As notas de pesquisa, transcritas e publicadas por Elizabeth Miller e Robert Eighteen-Bisang (2008), encontravam-se no catálogo da biblioteca pessoal de Bram Stoker, com o título *Original notes and data for 'Dracula'*, e denotavam o universo de leituras empreendido pelo literato durante a constituição de sua novela. As anotações apontaram uma preocupação com informações históricas, geográficas e étnicas do leste europeu, mas também sugeria um interesse insaciável por elementos folclóricos, expressões populares e dialetos locais, envolvendo seu texto em uma circularidade cultural, isto é, “um relacionamento circular feito de influências recíprocas” (GINZBURG, 1987, p. 13).

A composição da trama do romance de Stoker envolveu uma gama de referenciais culturais e advém de suas leituras realizadas na biblioteca do Museu Britânico, entre 1890 e 1896, que demonstraram “a maneira como ele utilizou e

modificou os materiais que tomou emprestado para adaptá-los a suas próprias concepções, segundo sua própria lógica” (REVEL, 2009, p.135). Nesse conjunto de livros e leituras encontrava-se: *Transylvania: Its Products and its People* (1865), de Charles Boner, obra ilustrada com imagens da região e mapas, e *Transylvanian Superstitions* (1885), escrito por Emily Gerard, responsável por relatar crenças e costumes do leste europeu (STOKER, 2008, p.121-128; 240).

Nesse universo de leituras realizadas por Stoker, e devidamente registradas em suas notas de pesquisa, constavam textos como *Magyarland* (1881), um relato sobre a Romênia, lar ancestral de seu vampiro, escrito por Nina Elizabeth Mazuchelli. A partir dessas leituras, Stoker apropriou-se de termos linguísticos como “‘ORDÖG’- Satã. ‘POKOL’ - Inferno” (STOKER, 2008, p. 203). A atenção dispensada pelo literato às crenças populares e às superstições cultivadas no leste europeu, incluindo as narrativas acerca de vampiros e lobos, a exemplo do *Book of Werewolves* (1865), escrito por Sabine Baring-Gould e amplamente referenciado por Stoker, alinhava-se à propaganda imperialista que, no campo internacional, visou associar regiões limítrofes ou distantes das metrópoles ao exótico e ao incivilizado. Em decorrência, a Transilvânia foi representada em *Drácula* como o “centro de alguma espécie de redemoinho imaginativo” (STOKER, 1897, p. 2). Cabe enfatizar que a leitura, “como prática criativa e inventiva (...), resultante do encontro das maneiras de ler e dos protocolos de leitura inscritos no texto” (ABREU, 2003, p. 11), permitiu uma proliferação de significados que estão entrelaçados à experiência e às sensibilidades modernas inscritas na narrativa ficcional de Bram Stoker.

O autor elaborou representações dos centros urbanos, notadamente Londres, metrópole delineada como local de horror e admiração, cujas “ruas populosas” permitiriam ao conde Drácula “mesclar-me à agitação e a correria da humanidade, compartilhar sua vida, suas mudanças, sua morte e tudo o que a torna aquilo que é” (STOKER, 1897, p. 19). O vampiro, personagem

antagônico no romance, era uma figura presente no imaginário do leste europeu (BRANCO, 2009, p. 30) e foi incorporada em imagens e textos constituintes do imaginário inglês do século XIX, transformando-se em depositário das certezas e incertezas que permeavam a sociedade vitoriana. Especialmente, dos setores conservadores e das classes médias, pois, em sua condição de aristocrata e estrangeiro, o conde *Drácula* evidenciava as tensões sociais. Era um resquício ameaçador de um passado incerto e temido, antagonista das formas modernas de sensibilidade, capaz de corromper suas vítimas, em geral, mulheres, por intermédio de seu sangue, elemento que a ciência oitocentista frequentemente associava à degeneração física e moral, causada pelas sexualidades desregradas. As constantes referências ao “temperamento sanguíneo” (STOKER, 1897, p. 57) e à presença de cientistas e médicos entre seus personagens, demonstravam que *Drácula* estava na intersecção entre o discurso médico-científico e a narrativa literária, de modo a promover uma valorização das proezas do homem vitoriano no confronto frente a uma ameaça constituída a partir de elementos do imaginário difundido pela denominada *popular fiction*.

A concepção do termo *popular fiction* remete a ponderar acerca das relações entre a cultura literária e suas formas de circulação em diversos setores da sociedade vitoriana. No século XIX, o mercado editorial da ficção popular associou-se a um leque diversificado de publicações: folhetins, periódicos literários, romances serializados. Bram Stoker esteve envolvido com essa produção literária, que ajudou a compor sua trajetória intelectual, pois, naturalmente, se relacionava com os movimentos da sociedade em vigor, no tempo em que viveu. Essa circunstância possibilitou ao autor inspirar-se na realidade para gerar um ambiente de ficção, no afã de construir um efeito de identificação por parte de seus leitores com seus escritos literários. Para tanto, Stoker utilizou, em *Drácula*, descrições de endereços e ruas existentes em Londres como parte de suas estratégias de identificação e de verossimilhança, a exemplo

de Liverpool Street, Arlington Street e Piccadilly Circus. A *popular fiction*, cuja significativa circularidade estava associada à difusão de práticas de leitura extensiva ao longo do século XIX, contribuiu para moldar as “relações sociais por meio das quais são organizadas as relações de classe, comunidade, nação e história”, e, por fim, “inscrever seus leitores nestas relações” (BENNET, 1990, p. 4). Ainda é válido ressaltar que essa acepção do termo *popular*, associada à literatura “qualifica um modo de relação, uma maneira de utilizar os objetos ou as normas que circulam em toda a sociedade, mas que são recebidos, compreendidos, manipulados de diversas formas” (CHARTIER, 2003, p. 152).

A estima social pela leitura, ao longo do século XIX, encontrava-se alinhada à importância que diversos setores atribuíam à literatura como poderoso instrumento de formação e aprimoramento moral. Por extensão, a identificação do leitor com os personagens tecidos na trama ficcional desempenhava função intrínseca na constituição das sensibilidades modernas, a partir da emergência dos denominados romances epistolares, modalidade literária que influenciou a estrutura narrativa de *Drácula*. Por meio de um longo fluxo de correspondências, a escrita epistolar buscava a empatia e a identificação com personagens comuns que, embora desconhecidos, pudessem parecer familiares ao leitor. Esses romances possuíam um papel específico nas intensas transformações sociais que se estenderam ao longo do século XIX, pois, “por meio da troca fictícia de cartas (...) ensinavam a seus leitores nada menos que uma nova psicologia e nesse processo estabeleciam os fundamentos para uma nova ordem política e social” (HUNT, 2009, p. 35). Em *Drácula*, o fluxo de correspondências e os relatos produzidos pelos personagens revestiram a obra literária com distinta polifonia, capaz de elucidar sentimentos e emoções partilhados pela conjuntura social em que Stoker circulava, sobretudo o medo e a insegurança decorrentes de uma ameaça monstruosa, o vampiro, infiltrado em um ambiente urbano e em suas “ruas populosas”.

Esses modelos de sensibilidade residiam no campo da ficção, mas portavam consigo formas de agir e pensar inerentes a uma determinada conjuntura histórica, de forma a evidenciar o “entrecruzamento propriamente dito da ficção e da história na refiguração do tempo” (RICOEUR, 2010, p. 317). Neste entrecruzamento entre experiência literária e vivência histórica, *Drácula* exibiu um diálogo com as práticas médicas e com o cientificismo no final do século XIX, situação que remete a cercar os fragmentos indiciários responsáveis por expressar as “sensibilidades, ou a “sintonia fina” de uma época, as características essenciais que estariam na raiz dos modos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de representar o mundo” (PESAVENTO, 1999, p. 13). Portanto, cabe enfatizar a inserção do cientificismo na experiência fictícia como parte constituinte da dimensão literária das sensibilidades modernas e como vestígio de uma circunstância sócio-histórica, impregnada por tentativas de explicar fenômenos sociais a partir de enunciados científicos.

3 Tempos modernos e seus “homens da ciência”: práticas médicas e cientificismo em *Drácula*

A narrativa de *Drácula* revelou um interesse ávido e um misto de reações por parte de Bram Stoker e suas personagens diante da ciência e da medicina oitocentista. A configuração das sensibilidades modernas em *Drácula* interligava-se aos usos justificados da violência e do confronto, como ilustrado em diversos momentos ao longo da narrativa, sobretudo nos embates contra o vampiro antagonista e seus servos, os ciganos, responsáveis pelo ataque ao núcleo vitoriano de cavalheiros e homens bravos “em um tipo de comportamento indisciplinado, e aos empurrões” (STOKER, 1897, p. 351). Por extensão, a experiência da modernidade e a expressividade das proezas dos personagens também se associavam ao domínio do conhecimento científico, que na obra de Stoker, era um campo majoritariamente restrito aos homens

(RODRIGUES, 2008, p. 82). A presença de cientistas e médicos na narrativa de *Drácula*, bem como em outros romances escritos por Bram Stoker, também relacionava as ansiedades dos vitorianos frente à ciência e ao desenvolvimento das teorias raciais e eugenistas ao final do século XIX, que viam no sangue e no sexo, um problema e uma ameaça.

O período vitoriano foi marcado pela institucionalização e profissionalização da ciência médica. Entretanto, isso não significa que a ciência praticada em laboratórios tenha substituído por completo as práticas consideradas amadoras, que ainda continuavam em evidência. Doravante, certas “disciplinas adotaram aspectos da ciência profissional em momentos diferentes e geralmente por razões contingentes” (MUSSEL, 2009, p. 4) e, por isso, os personagens de John Seward e Abraham Van Helsing, embora classificados por Stoker como “dois frios homens da ciência” (“*two dry men of science*”) (STOKER, 1897, p. 319), apresentavam posicionamentos divergentes frente às práticas científicas no final do século XIX, porém, ambos representavam de modo marcante a forte presença do cientificismo no romance vitoriano.

Na conjuntura histórica de publicação de *Drácula*, o termo *cientista* (*scientist*) raramente era utilizado. A preferência era pela expressão *man of science*, em referências às práticas científicas, não muito distantes de denominações como *men of letters* (homens das letras) ou *medical man* (médico). Por meio desses termos, reafirmava-se a crença do primado masculino sobre a ciência médica, sendo esta responsável por investigar objetivamente a natureza, vista como feminina e misteriosa. No entanto, cabe o alerta de que isto não significava que as mulheres tenham sido excluídas das práticas ou do conhecimento científico no século XIX. Afinal, em *Drácula*, era justamente uma mulher, Mina Harker, quem identificou no vampiro um “tipo criminoso”, conceito oriundo das teses de Cesare Lombroso em sua obra, *L’Uomo Delinquente* (1876), e de seus discípulos ao *fin-de-siècle*, a exemplo de Max Nordau. Estes cientistas estavam

associados à emergência da antropologia criminal, preocupada em localizar os estigmas atávicos que marcariam o homem delinquente, e à noção de degeneração que, supostamente, se abateu sobre a sociedade europeia finissecular. Em periódicos acadêmicos e nas práticas científicas exercidas em laboratórios do final do século XIX, em oposição às formas amadoras ou antiquadas de se fazer ciência, negava-se às mulheres o acesso às instituições de ensino ou à geração de vínculos formais nas carreiras, de modo a prevalecer a identidade do *man of science*, o homem da ciência (MUSSEL, 2009, p. 1-3).

O ‘homem da ciência’ estava associado à representação de uma figura social “próspera (ou engenhosa o suficiente) para equipar-se com espaço, tempo, conhecimento e equipamentos para a pesquisa e então ser capaz de defendê-la caso fosse contestado” (MUSSEL, 2009, p. 4). Em *Drácula*, o médico psiquiatra John Seward dispõe de tempo e espaço suficientes para suas indagações científicas, ao realizar amplas observações e anotações sobre seus pacientes e, em particular, o zoófago Renfield, personagem atormentado e religiosamente devoto ao aristocrata vampiro. Os registros de Seward, gravados em fonógrafo, constituíram boa parte da narrativa de *Drácula* e foram demarcados por um olhar clínico e detalhista, atento à “fisiologia de [John] Burdon-Sanderson e o conhecimento cerebral de [David] Ferrier” (STOKER, 1897, p. 67), cientistas e médicos contemporâneos à vivência de Stoker e de seus personagens. Munido desses conhecimentos, Seward era o diretor responsável por uma instituição psiquiátrica localizada próxima a uma das várias propriedades adquiridas pelo conde Drácula em solo inglês, a ficcional mansão Carfax. Posteriormente, Seward foi requisitado para diagnosticar a misteriosa doença que abateu a jovem Lucy Westenra, após ter sido maculada pelo sangue do vampiro, mas não alcançou qualquer solução para a enigmática enfermidade. Por fim, uniu esforços ao grupo liderado pelo professor holandês Van Helsing e partiu em perseguição a Drácula, com o

objetivo de vingar a morte da jovem Lucy e salvar Mina de destino semelhante.

Stoker adensou sua narrativa com inúmeros elementos que reverberavam ansiedades oitocentistas e que estabeleceram uma tradição literária ligada ao vampiro, dentre as quais, o asilo, o médico e o louco (PENDLAR, 2006, p. 136), expressos pelas personagens de Seward e Renfield. As anotações de Stoker demonstravam que a ideia da loucura e do paciente louco encontrava-se presente desde o momento inicial de pesquisa para sua obra (STOKER, 2008, p. 14). Em seu último romance, *The Lair of the White Worm*, Stoker retoma o interesse pela psiquiatria e pela loucura. Enfatizava também que os alienistas, ao estudarem a monomania, perturbação mental que aflige um dos antagonistas, Edgard Caswall, “provavelmente conhecem mais acerca da vaidade humana e seus efeitos, do que o fazem homens comuns” (STOKER, 2008, p. 206). As anotações realizadas durante a pesquisa para *Drácula* demonstravam o contato do autor com a obra *On Superstitions connected with the History and Practice of Medicine and Surgery* (1844), de Thomas Joseph Pettigrew. Assim como sugere o título, Pettigrew intencionava esclarecer superstições e crenças populares associadas com práticas medicinais, o que inclui o uso de amuletos e talismãs, elementos evidentes no romance de Stoker por meio da utilização de flores de alho e símbolos sagrados, como medidas para repelir o vampiro.

Ao longo do século XIX, o estabelecimento da medicina moderna tornava o olhar sobre o corpo cada vez mais minucioso, por meio de abordagens anatômicas e fisiológicas (FAURE, 2008, p. 17). Todavia, ao invés de substituir as formas medicinais precedentes, a exemplo da crença de que o corpo humano era composto por quatro humores – sangue, bílis, fleuma e atrabilis – ambas conviveram e perduraram. Como evidência desta circulação de conhecimentos acerca do corpo humano e parte dos esforços em salvar a vida

de Lucy Westenra, o personagem de Abraham Van Helsing envidou esforços para convencer o norte-americano Quincey P. Morris a realizar uma transfusão sanguínea, ao afirmar que “o sangue de um homem bravo é a melhor coisa na terra quando uma mulher está em problemas” (STOKER, 1897, p.139). Por fim, os gritos desesperados de Renfield, trancafiado na clínica de Seward, ao alegar que “o sangue é vida!” (STOKER, 1897, p. 218). Estes elementos são indicativos de que as teorias acerca do corpo humano regido por humores persistiam na imaginação literária durante o período vitoriano, e a importância dada ao sangue na narrativa de *Drácula* era um exemplo marcado por meio dos registros do Dr. Seward.

John Seward, em sua condição de médico alienista, tornou-se responsável pelo cuidado dos corpos e mentes dos personagens vitorianos no romance de Bram Stoker. Esta figuração do alienista na obra literária evidenciava um momento histórico marcado pela presença da medicina profissional, acentuada no âmbito da privacidade das classes médias. Esses médicos estendem “suas injunções até o discurso das paixões, os devaneios das almas e, meticulosamente, o uso dos sentidos. (...) Em tudo convém encorajar a moderação, o justo meio, conter o excesso, abater a exaltação” (CORBIN, 1991, p. 599). Ademais, a década de 1890 assistiu à emergência da psicanálise e à publicação de *Studies on Hysteria* (1895), de Sigmund Freud, instante em que o comportamento humano formalizava-se na pauta das discussões científicas. Foi também ao longo do século XIX que a institucionalização da ciência levou à criação das clínicas e das casas de saúde, locais em que os corpos indisciplinados seriam isolados para evitar o avanço dos efeitos da “degeneração racial”, temor em vigência nos mais variados setores da sociedade vitoriana.

Era dedicada uma dose de atenção particular às doenças de origem venérea, muitas das quais resultantes das “sexualidades perigosas” do “perigo

sexual, à proliferação de práticas sexuais fora da santidade do lar, desligadas do ato procriador” (WALKOWITZ, 1991, p. 403). O efeito moralizante recaía sobre as mulheres, as vítimas almejadas pelo vampiro em *Drácula*, que as maculava com seu sangue, elemento que a medicina moderna vinculava à sexualidade e considerava agente causador de inúmeras doenças, a exemplo da sífilis. A infecção causada pelo sangue transpareceu em *Transylvanian Superstitions*, ensaio referenciado nas anotações de Bram Stoker, que sumarizou as crenças do leste europeu na figura do vampiro e estabeleceu um vínculo com os receios da ciência oitocentista em torno dos fluídos corporais: “qualquer pessoa morta por um *nosferatu* torna-se um vampiro após a morte, e continua a beber o sangue de pessoas inocentes até seu espírito ser exorcizado” (GERARD, 1885, p. 142). Portanto, as supostas sexualidades perigosas e o sangue adensavam as preocupações da ciência médica nas últimas décadas do século XIX e forneceram argumentos para a imaginação literária.

Como resultado, em várias guarnições militares e portos comerciais ingleses do período, foram aprovadas as leis, segundo as quais as “prostitutas notórias e as mulheres suspeitas de se dedicarem à prostituição deviam se submeter a um exame médico, sob pena de serem processadas” (CHARLOT, 1993, p. 120). O temor das sexualidades perigosas e do avanço da degeneração levou as autoridades inglesas ao ímpeto de purificar o sangue, anseio que reverberava em *Drácula*, diante da urgência em destruir o vampiro, responsável por corromper e degenerar suas vítimas. A degeneração física e moral era um dos temores que a ciência oitocentista difundiu entre os vitorianos, particularmente após a publicação de *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1853), por Arthur de Gobineau, tratado no qual a miscigenação entre diferentes raças foi apontada como a causa da degeneração física e intelectual.

Esses temores vitorianos ampliaram-se ao *fin-de-siècle*, momento em que o médico e jornalista austríaco Max Nordau, inspirado nos trabalhos do alienista francês Bénédict Morel e na vertente italiana da criminologia de Cesare Lombroso, anunciava em sua obra *Degeneration* (1892) os tempos vindouros de degeneração, por meio de uma verdadeira doença social associada às ansiedades da vida moderna, capaz de produzir desordem física e mental, histeria e um retrocesso moral (PENDLAR, 2006, p. 134). Tais proposições, originárias da medicina oitocentista e da antropologia criminal, expressaram-se fortemente em *Drácula*, pois, afinal, a personagem Mina Harker afirmava que “o conde é criminoso e do tipo criminoso. Nordau e Lombroso o classificariam assim. (...) Como ele é um criminoso é também egoísta; seu intelecto é medíocre, suas ações se baseiam no egoísmo e ele se dedica a um propósito que é desumano” (STOKER, 1897, p. 319). A assertiva era significativa, pois demonstrava que as representações literárias e ficcionais encontravam-se entrelaçadas a proposições e práticas de caráter médico-científico, de modo a contribuir com a “construção discursiva do social e a construção social dos discursos” (CHARTIER, 2002, p. 97). A cena evidenciava o conhecimento, por parte de uma mulher, das teses científicas disponíveis para explicar a mente e o comportamento do antagonista que a tingira em seu “batismo de sangue” (STOKER, 1897, p. 320), como afirmava o professor Van Helsing. Afinal, na perspectiva do professor holandês, “o estudo da filosofia do crime” é um “estudo sobre a insanidade” (STOKER, 1897, p. 319), categoria empregada por Stoker e por seus personagens para classificar um inimigo que provocava a degeneração física e moral de suas vítimas.

Para Max Nordau e seus assíduos leitores, o *fin-de-siècle* foi caracterizado pelos estigmas da degeneração que se instauraram na sociedade europeia, no campo artístico e literário, lugares significativos de uma doença social decorrente das experiências modernas, afetadas pelos efeitos das condições

insalubres nas metrópoles urbanas, pelo ritmo frenético da industrialização e pelos expressivos índices de criminalidade. Nesta perspectiva, proeminentes literatos, a exemplo de Oscar Wilde, Émile Zola e Charles Baudelaire, encontrariam-se alinhados com formas de “arte degenerada”, desprovidas de senso moral, repletas de abstrações e altamente sugestivas do caráter degenerado de seus autores e de seus possíveis leitores. Afinal, como reforçou Nordau, “livros e obras de arte exercem uma poderosa influência sobre as massas. É a partir destas produções que uma época deriva seus ideais de beleza e moralidade” (NORDAU, 1895, p.viii).

A apropriação de enunciados da criminologia e da degeneração para a caracterização do antagonista da obra literária de Stoker, o vampiro estrangeiro que se esgueirava entre as ruas enevoadas de Londres, evidenciava a aproximação do discurso ficcional e de noções científicas pautadas em saberes da medicina. Tais práticas imbricadas conferiam suporte e reverberavam ideais compartilhados pelas classes médias, em vias de justificar e articular suas hostilidades sociais (GREENSLADE, 1994, p. 2). O desenvolvimento mental incompleto e o notável egoísmo de Drácula, referenciados por Mina Murray, ligavam-se diretamente às proposições da degeneração difundidas ao *fin-de-siècle* por Nordau, para quem, “em consequência das particularidades de seus cérebros e sistemas nervosos, os degenerados são necessariamente egoístas e impulsivos” (NORDAU, 1895, p.19), portanto, compelidos a limitações no intelecto, ações imorais e à delinquência.

A inspiração de Nordau originou-se da criminologia de Cesare Lombroso, cientista convicto de que havia cercado “a chave para o problema que começava a atormentar outros membros da profissão médica: o medo da degeneração, a possibilidade de que a população da Europa não fosse mais capaz de suportar as exigências da vida civilizada” (HERMAN, 1999, p.120). A atenção de Lombroso recaiu sobre o criminoso nato e a loucura moral,

característica evidente em Drácula e decorrente da prevalência de “instintos latentes nas profundezas de cada homem”, além de uma “indiferença que se transforma em ódio, vingança, ferocidade, uma crença de estar no direito de praticar o mal” (LOMBROSO, 1896, p.10). Além disso, afirmou que “os homicidas possuem o olhar vidrado, frio, imóvel, (...) e frequentemente possuem nariz aquilino tal qual o bico de uma ave de rapina” (LOMBROSO, 1896, p. 275), descrição fisionômica que se aproximava do perfil do conde Drácula, demarcado por um “rosto forte – muito forte – e aquilino, com o canal do nariz muito fino e narinas peculiarmente arqueadas; testa elevada, e com cabelo crescendo escassamente nas têmporas, mas profuso no restante” (STOKER, 1897, p.17).

Em decorrência do entrecruzamento com as teorias da hereditariedade, tanto o criminoso nato, quanto o homem degenerado, passaram a ser compreendidos enquanto uma espécie de subproduto do atavismo, noção fundamental na ideia de degenerescência. Tratava-se do “funesto fruto de uma espécie de seleção às avessas, um monstro híbrido aparentado ao homem e ao animal, portador de estigmas regressivos cujas raízes estariam perdidas num passado longínquo e obscuro” (DARMON, 1991, p.52). Atavismo e regressão e decadência: terreno fértil para o campo literário que, ao final do século XIX, se refestelou com personagens monstruosas e sanguinolentos relatos de criminosos, criaturas atávicas que insurgiram nos corações atormentados dos vitorianos, sensíveis às ansiedades da ciência médica e de suas apropriações pela ficção finissecular.

Textos como o ensaio *Degeneration Amongst Londoners* (1885), de James Cantlie, ou o panfleto *The Effect of Town Life on the General Health* (1890), escrito por J. P. Freeman Williams, apontavam para o senso de alerta, partilhado pela cultura escrita com relação à disseminação da degeneração nos centros urbanos, por fatores biológicos e hereditários ou em decorrência das condições

insalubres nas metrópoles. Quanto à “criança do homem citadino (...)”, o sanitarista Freeman Williams afirmou que “se não for cruzada com sangue fresco, este tipo urbano, na terceira ou quarta geração se tornará mais e mais exagerado (...). Considera-se alta a probabilidade que um londrino puro da quarta geração não seja capaz de existir” (FREEMAN-WILLIAMS, 1890, p.5). Cantlie, em sua conferência apresentada ao Parkes Museum of Hygiene em janeiro de 1885, atentou-se às condições urbanas em Londres, demarcadas por um “clima úmido” e “uma atmosfera almiscarada com fumaça de carvão”, que resultavam em gerações afetadas por “ossos imperfeitamente desenvolvidos”, incapazes de “resistir às contrações musculares” (CANTLIE, 1885, p.33-34). Esses olhares oitocentistas voltados aos efeitos da degeneração não estavam limitados à escrita de médicos e sanitaristas, pois supriam argumentos que se espalhavam em textos de natureza política, econômica, social e literária.

A crença na ciência do período também demarcava uma “apoteose do conflito” (GAY, 1995, p. 46) e o cientificismo atuou como fator de legitimação, tanto para os defensores do racismo, quanto para os apologistas aos conflitos geopolíticos, sobretudo por conta dos argumentos que subsidiavam a agressão e o cultivo do ódio. Para viabilizar esse processo, as obras de homens da ciência, a exemplo de Herbert Spencer, com *Social statistics* (1850), e de Charles Darwin, em *Origin of species* (1859), foram vitais, especialmente, por defenderem que “a vida era uma luta perpétua até a morte, em que os mais fortes e melhores sobrevivem” (GAY, 1995, p. 47). O domínio da barbárie seria empreendido pelos vigorosos ideais de civilização e tais proposições científicas foram assimiladas pelas políticas imperialistas, que encontravam nos evolucionismos as justificativas necessárias para seu intento. O triunfo do núcleo vitoriano em *Drácula*, diante da ameaça representada pelos ciganos, era um vestígio da apoteose do conflito, pois “nada parecia conseguir deter ou mesmo atrasá-los” (STOKER, 1897, p. 351), como descreveu Mina Westenra

no momento do combate. Em *Drácula*, havia um esforço para restituir o primado da masculinidade, associado ao objetivo de salvar a imagem da mulher-mãe e derrotar as forças estrangeiras, representadas pelo vampiro e por seu séquito de ciganos. A caracterização dos personagens em *Drácula*, munidos de violência e sabedoria científica, reverberava essa circunstância histórica, onde a degeneração, expressa pelo vampiro Drácula e suas vítimas, era considerada uma ameaça que assombrava e aterrorizava os vitorianos.

A degeneração também estava representada em *Drácula* por meio do comportamento anômalo do paciente Renfield, causado, segundo o médico Seward, por um “temperamento sanguíneo” que se caracterizava por “grande força física; excitação mórbida; períodos de depressão que terminam com a fixidez de uma ideia que ainda não consegui determinar” (STOKER, 1897, p. 57). Se as proezas masculinas em *Drácula* eram atributos encontrados, ou pelo menos atribuídos por Van Helsing, ao sangue dos homens fortes, a exemplo da mencionada referência ao personagem norte-americano Quincey P. Morris, a degeneração física e mental em Renfield também possuiu causa semelhante. Nessas circunstâncias, a fisionomia passou a ser compreendida pela ciência médica como um dos meios para determinar aspectos comportamentais, em particular de criminosos, por intermédio do escrutínio de traços físicos e expressões faciais. Por isso, Seward não hesitou em mencionar o caráter animalesco de Renfield, acometido de repentina agitação que o levou a farejar “como um cachorro que procura o rumo certo” (STOKER, 1897, p. 97), evidência do atavismo atribuído aos tipos degenerados.

As longas descrições físicas de suas personagens aludem à proximidade de Stoker com essas teorias fisiognômicas, aliado à presença de um tratado de fisiognomia em cinco volumes na biblioteca particular do autor, denominado *Essays on Physiognomy* (1789), de J. C. Lavater (CATALOGUE..., 1913, p. 16). Ao definir a periculosidade do paciente Renfield, o personagem Seward

fundamentou-se basicamente em uma leitura fisiognômica: a face do paciente revelou “uma advertência de perigo, pois havia uma súbita ferocidade e disfarce, o que significava anseio por matar. Esse homem é um maníaco homicida latente. Examinei seus desejos momentâneos para ver o que se sucede” (STOKER, 1897, p. 66). Em seus desejos, Renfield tornou-se obcecado pela vida, ou melhor, pela possibilidade de estendê-la, ao consumir uma hierarquia de animais: moscas, aranhas, pássaros, ou animais maiores, um verdadeiro retrocesso ao animalesco, típico dos sintomas de atavismo, denunciados pelas teses de Lombroso e Nordau. O paciente tinha ataques frequentes, nos quais clamava pela vinda de seu mestre, Drácula, e alternava com momentos de calma e quietude. Na medida em que a perseguição por Drácula intensificou-se, Seward e Van Helsing descobriram que o tormento de Renfield foi causado pela influência do vampiro, que lhe prometeu vida eterna em troca de sua lealdade.

Drácula, responsável pela degeneração comportamental de Renfield e por corromper as mulheres com seu “batismo de sangue”, tornou-se a grande ameaça dos cavalheiros e dos homens da ciência de Bram Stoker. Afinal, por meio da influência sanguínea, Drácula era capaz de produzir, em suas vítimas, pensamentos malignos e destitui-las de toda sua força de vontade, elemento indicado nas anotações de Stoker para sua obra literária (STOKER, 2008, p. 25). A jovem Lucy Westenra, corrompida pelo vampiro, tornou-se “insensível como um diabo” (STOKER, 1897, p. 197), pois “seus olhos faiscavam com luz demoníaca, a testa retorcida como se as camadas da pele fossem as cobras de Medusa, e a amável boca transformou-se num quadrado aberto como as passionais máscaras gregas ou japonesas” (STOKER, 1897, p. 198). Apesar dos esforços de John Seward em desvendar a enfermidade de Lucy e a causa do comportamento anômalo de Renfield, cabia a um estrangeiro, outro homem da ciência, encontrar a solução para combater a periculosidade do vampiro. Drácula e seu séquito encontraram um fim com métodos associados à

superstição e ao confronto físico, portanto, não foi a ciência a responsável direta pela eliminação do conde vampiro.

O personagem de Abraham Van Helsing, professor holandês, médico especialista em doenças obscuras, filósofo e metafísico, era um estrangeiro em Londres, assim como seu homônimo Abraham Stoker. Por esse motivo, era considerado um ‘bom bárbaro’, isto é, um estrangeiro que compartilhava do universo comportamental partilhado pelos vitorianos (BRANCO, 2008, p. 144). Munido do conhecimento acerca das superstições do leste europeu e de práticas consideradas como ultrapassadas pela ciência oitocentista – Van Helsing mencionava a materialização, a crença nos fluidos da alma e na transmissão de pensamentos (STOKER, 1897, p. 178-179). O holandês foi o responsável por revelar a natureza de *Drácula* como um vampiro e identificar os meios para encontrá-lo e destruí-lo. Sua única arma da ciência moderna foi a hipnose, cujo interesse revestiu-se com menções a Jean-Martin Charcot, pioneiro da neurologia e da psiquiatria na segunda metade do século XIX. Por isso, Van Helsing afirmava que “Charcot penetrava nas profundezas da alma do paciente que desejava influenciar” (STOKER, 1897, p. 178) por meio da hipnose, e não mediu esforços em utilizar a técnica em Mina Harker, com o ímpeto de rastrear o paradeiro do vampiro, que sustentava um vínculo mental com suas vítimas.

Ao mobilizar todo o núcleo masculino do romance em torno de si, Van Helsing também se tornou responsável por relegar Mina Harker a uma condição secundária, periférica, na tentativa de isolá-la do espaço doméstico, conforme sua própria fala demonstra:

Nós, homens, estamos resolutos e até já juramos destruir esse monstro, mas a tarefa não é adequada a uma mulher. Ainda que não sofra danos, seu coração pode não aguentar tantos e tão intensos horrores, fazendo-a sofrer dos nervos acordada, dormindo ou sonhando. Além do mais, é jovem e não está casada há muito (STOKER, 1897, p. 219).

No século XIX, o entrecruzamento das representações literárias, imagéticas e científicas referenciava a mulher como “uma eterna doente”. Além disso, “a opinião pública e numerosos médicos incriminam a ‘fraqueza’ da ‘natureza feminina’: ‘causa’ biológica, supostamente eterna e universal, que se arrisca a alimentar um fatalismo insuperável” (KNIBIEHLER, 1991, p. 361). Van Helsing também atribuiu à Mina uma fragilidade natural e, para impedir que tal aspecto fosse explorado por Drácula, tentou afastá-la das investigações. O professor holandês alertou à jovem que “o vampiro infectou-a” (STOKER, 1897, p. 219) e, na medida em que a mácula tornou-se mais forte em Mina, Van Helsing descreveu que ela “sentou-se imóvel que nem morta; tornou-se tão pálida quanto a neve; e não disse nenhuma palavra” (STOKER, 1897, p. 342).

Em relação ao tratamento delegado à Mina, o romance de Stoker evidenciava os traços de representações oitocentistas da virtuosa figura do *anjo do lar*, criatura dócil e suave, associada por literatos, artistas e romancistas à mulher oriunda das classes médias na Inglaterra vitoriana, ameaçada pelo batismo de sangue de Drácula. Nesse sentido, Stoker atribuiu à Mina Harker um instinto materno, responsável por “olvidar as coisas de menor importância, quando o espírito maternal é invocado” (STOKER, 1897, p. 214). Por este motivo, em sua tentativa de proteger Mina, vítima dos ataques noturnos do vampiro, o médico holandês convocou os homens à perseguição pelo inimigo nas ruas de Londres, circunstância que beira à caça, ao confronto armado e, em consequência, ao fortalecimento dos laços de homosociabilidade e das proezas ligadas à masculinidade no interior do núcleo vitoriano.

A atitude de Van Helsing foi ao encontro de outro aspecto comportamental esperado dos homens ao final do século XIX: um distanciamento sensível da esfera doméstica associada às mulheres e às crianças (SEDGWICK, 1985, p. 2). Nessa conjuntura, os espaços de sociabilidade masculina serviram não apenas como refúgio da domesticidade, mas como

“alternativa de apoio emocional” (TOSH, 1999, p. 186). Esses locais eram variados e compreendiam clubes boêmios, associações intelectuais, sociedades filosóficas ou até mesmo lojas maçônicas. Um exemplo autêntico era o *Bachelor's Club*, que aceitava apenas “membros que nunca estiveram apaixonados, solteiros por convicção, e pertencentes à Liga Anti-Anti-Tabaco” (TOSH, 1999, p. 187). Estas associações masculinas retomavam as afiliações de Stoker ao *University's Philosophical Society* e à *Historical Society* durante sua graduação em Dublin, bem como à unidade de seus cavalheiros em *Drácula*, expressa por Van Helsing: “somos homens e tudo somos capazes de suportar (...)” (STOKER, 1897, p. 219).

A sociabilidade entre homens das classes médias ao final do século XIX também se encontrava vinculada a clubes ligados à prática de esportes. Enquanto os ideais de masculinidade das primeiras décadas vitorianas associavam-se às atividades intelectuais, discussões filosóficas, políticas ou culturais – situação evidente em *Drácula* por meio de um intelectual, o professor Van Helsing – a partir de 1850, as atividades esportivas apresentaram sensível crescimento, tanto em caráter amador quanto institucionalizado, com uma valorização das proezas físicas do corpo masculino. Dessa forma, no entardecer do período vitoriano, o universo comportamental masculino, por meio do condicionamento físico, enfatizava qualidades como a coragem, o autocontrole, uma atitude estoica e o trabalho em conjunto (TOSH, 1999, p. 187-189). A prática de esportes ou de exercícios físicos ainda era apontada por médicos e sanitaristas como uma das vias para combater os efeitos da degeneração. Em 1885, o cirurgião James Cantlie recomendava práticas corporais em centros urbanos, a exemplo da ginástica e do ciclismo, em vias de “produzir uma raça com uma tendência ao fortalecimento físico” (CANTLIE, 1885, p.42). Nesse caráter de força corporal se constituiu a união entre os personagens masculinos em *Drácula* que, por meio do conflito e do manuseio de práticas científicas,

buscaram fortalecer os vínculos diante da ameaça representada pela infiltração do vampiro, que “continua a viver e a passagem dos anos não basta para matá-lo; desenvolve-se enquanto faltar-se com o sangue dos vivos” (STOKER, 1897, p. 222).

No ideário de Stoker, a crença nas práticas médicas e científicas se entrelaçava à perseguição agressiva a Drácula que, na visão de Mina Harker, permitiu ao seu marido Jonathan reencontrar a força e a coragem. “Nunca estive tão decidido, tão forte, tão cheio de energia vulcânica como no presente”, escreveu a jovem sobre Jonathan, que “regressou cheio de vida e esperanças e determinação” (STOKER, 1897, p. 213). O “homem bravo” reencontrou a sua força no conflito violento e nos usos da ciência, em vias de defender a nação e as mulheres de inimigos vindos do estrangeiro, em um momento histórico marcado pelas atitudes imperialistas compartilhadas pela literatura.

No entanto, em supostos tempos de degeneração, esses inimigos também floresceram nas ruas sombrias das metrópoles, de modo a atormentar os vitorianos, responsáveis por dar visibilidade às suas inquietudes, por intermédio da leitura e pela literatura, afinal, o século XIX ficou marcado como um tempo histórico em que o romance “influenciava crescentemente a vida íntima dos leitores” (GAY, 1995, p. 244). Ao explorarem a textura social que os cercava, esses literatos configuraram suas narrativas ficcionais com fragmentos indiciários das sensibilidades, que permitiram aos historiadores interrogar a literatura em seu afã de desvendar as certezas e as incertezas deste “outro” que é o passado.

As evidências de práticas científicas ao longo da narrativa de *Drácula*, o apreço de seus personagens masculinos pelo confronto e os temores vitorianos diante da degeneração causada pelo “batismo de sangue”, demonstraram que a configuração das sensibilidades modernas no romance de Bram Stoker abarcava

certezas e incertezas, tensões e hesitações em torno deste século XIX, “realista, científico e cético” (STOKER, 1897, p. 222). Esses subsídios demonstram a força inerente às representações literárias na constituição de um universo de referenciais culturais e comportamentais, pautados em um “mundo do texto” (RICOEUR, 2010, p. 9). Esse universo constituído pelas produções textuais não era paralelo e encontrava-se imerso em objetos e performances, “cujos dispositivos e regras, por sua vez, permitem e limitam a produção de sentido” (CHARTIER, 1999, p. 49), capaz de mobilizar condutas e projetar formas de pensar e sentir a realidade.

Considerações finais

A relação estabelecida entre a narrativa ficcional e as representações de práticas científicas em *Drácula* demonstrou uma circunstância histórica marcada pelo aprimoramento do olhar minucioso da medicina sobre o corpo, pela profissionalização do campo da ciência e seus múltiplos esforços em atribuir causas físicas ou psicológicas às hesitações que cercavam as formas modernas de sensibilidade. Essa influência mútua entre ficção e realidade convergiu no romance de Bram Stoker, sobretudo na constituição de dois personagens expressivos na narrativa, dois “frios homens da ciência”, o Dr. John Seward e o professor holandês Abraham Van Helsing.

Os registros meticulosos de John Seward forneceram subsídios acerca dos temores vitorianos diante da degeneração, manifesta por intermédio do “temperamento sanguíneo” de seu paciente, o zoófago Renfield. Por extensão, os conhecimentos médicos de Seward foram direcionados ao tratamento de Lucy Westenra, cuja enfermidade era um sinal da mácula do vampiro que, em sua condição de aristocrata e estrangeiro, representava uma ameaça a ser fortemente combatida pelos cavalheiros vitorianos projetados por Bram Stoker em seu romance.

Em atenção a essa afinidade entre a literatura e as práticas científicas esboçada em *Drácula*, os indícios da crença vitoriana no cientificismo espalharam-se por meio de múltiplas referências, da narrativa literária aos estudos fisionômicos, à neurologia e ao emergente campo da psiquiatria. Esse misto de reações de Stoker diante da ciência e de cientistas estendeu-se à caracterização de Abraham Van Helsing, um professor estrangeiro e detentor de conhecimentos ligados à superstição e práticas consideradas obscuras. Todo o núcleo de vitorianos foi mobilizado em torno da caçada ao vampiro e Van Helsing e John Seward demonstraram a detenção dos conhecimentos científicos por parte dos personagens masculinos. Suas tentativas em delegar Mina Harker à esfera doméstica foram indicativos da associação empreendida pela imaginação literária entre a ciência médica e as proezas masculinas, que ainda incluíram o confronto físico e a agressão como armas utilizadas para defender a nação – e suas mulheres – da ameaça estrangeira representada por Drácula e por seus servos.

Os fragmentos literários dos vínculos estabelecidos entre Bram Stoker e seus personagens diante do cientificismo forneceram subsídios para a investigação das sensibilidades modernas em *Drácula*. A análise minuciosa da obra indicou, dentre outras peculiaridades, que as personagens e seu conjunto de ações demonstravam uma forte hesitação diante de um inimigo originário do passado medieval, oculto entre as sombras de uma metrópole urbana, cujas sombras abarcavam horror e admiração de seus eloquentes observadores contemporâneos. Como parte integrante dessa manifestação das formas modernas de ver e sentir, alguns personagens do romance de Bram Stoker utilizavam amplamente aparatos tecnológicos disponíveis em sua vivência histórica, sobretudo na tentativa de erradicar o antagonismo representado pelo conde vampiro, sombra ameaçadora que despertava em retratos de papel e letras, os derradeiros momentos da era Vitoriana na Inglaterra.

Referências

ABREU, Márcia. História dos textos, história dos livros e história das práticas culturais – ou, uma outra revolução da leitura. In: CHARTIER, Roger. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ARATA, Stephen. The anxiety of reverse colonization. In: BYRON, Glennins (Org.). *Dracula*: Bram Stoker. Nova York: St. Martin's Press, 1999.

BELFORD, Barbara. *Bram Stoker*. New York: Knopf, 1996.

BENNET, Tony. *Popular fiction: technology, ideology, production, reading*. Londres: Routledge, 1990.

BRANCO, Arturo Alejandro Gonzales y Rodrigues. *O lobo e o morcego: a cultura popular e o imaginário inglês do século XIX*. Goiânia, 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás.

BRANTLINGER, Patrick. Race and the Victorian Novel. In: DAVID, Deirdre (Org.). *The Cambridge Companion to Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CANTLIE, James. *Degeneration amongst Londoners*. Londres: Field & Tuer, 1885.

CATALOGUE OF VALUABLE BOOKS. Autograph Letters and Illuminated and Other Manuscripts, Including the Library of the Late Bram Stoker, Esq (1913). In: BROWNING, Edgar (Ed.). *The forgotten writings of Bram Stoker*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2012.

CHARLOT, Monica; MARX, Roland. *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CHARTIER, Roger. *À beira da falsia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, Roger; DEUSA, Isabel Morant (Ed.). *Escribir las practicas: discurso, prática, representación*. Valência: Fundação Cañada Blanch, 1999.

CORBIN, Alain. Os segredos do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada, v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FELSKI, Rita. *The gender of modernity*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- FREEMAN-WILLIAMS, J. P. *The Effect of Town Life on the General Health, with special reference to London*. Londres: W.H.Allen, 1890.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud - A paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud - o cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GERARD, Emily. Transylvanian Superstitions. *Nineteenth Century*. v. XVIII, p. 130-150, jul. 1885.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GLOVER, David. *Vampires, mummies and liberals: Bram Stoker and the politics of Popular Fiction*. Durham: Duke University Press, 1996.
- GREENSLADE, William M. *Degeneration, culture and the novel, 1880-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- HERMAN, Arthur. *A ideia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Orgs.). *História das mulheres no ocidente*. v. 4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

LOMBROSO, Cesare. *L'Uomo Delinquente*. 2 tomos. Turim: Fratelli Bocca Editori, 1896.

MILLER, Elizabeth. *Dracula's Handbook*. Bloomington: Xlibris, 2005.

MUSSELL, James. Private practices and public knowledge: science, professionalization and gender in the Late Nineteenth Century. *Nineteenth-Century Gender Studies*. v.5, n. 2, 2009.

NORDAU, Max. *Degeneration*. Londres: William Heinemann, 1895.

PENDLAR, Valerie. *The most dreadful visitation: male madness in Victorian Fiction*. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins, 2010.

ROBBINS, Keith. A hierarquia das prostitutas. In: MARX, Roland; CHARLOT, Monica. *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RODRIGUES, Andreza Cristina Ferreira. *Drácula, um vampiro vitoriano: o discurso moderno no romance de Bram Stoker*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – PUC/SP.

SEDGWICK, Eve. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1985.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre a história e a literatura: a identidade nacional em Lima Barreto. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 44, p.115-146, 2006.

STOKER, Bram. *Dracula*. New York: Grosset & Dunlap, 1897.

STOKER, Bram. Original notes and data for 'Dracula' [1890-1897]. In: ROBERT EIGHTEEN-BISANG; MILLER, Elizabeth (Ed.). *Bram Stoker's Notes for Dracula: a facsimile edition*. Jefferson: McFarland & Company, 2008.

STOKER, Bram. *The Lair of the White Worm*. Londres: Penguin Press, [1911] 2008.

TOSH, John. *A man's place: Masculinity and the Middle-Class Home in Victorian England*. New Haven and London: Yale University Press, 1999.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Fapesp, 2007.

WALKOWITZ, Judith. Sexualidades perigosas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Orgs.). *História das mulheres no ocidente*, v. 4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.